



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS I**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE PEDAGOGIA**

**PATRÍCIA EDIVÂNIA RODRIGUES DO NASCIMENTO**

**LITERATURA E INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2014**

**PATRÍCIA EDIVÂNIA RODRIGUES DO NASCIMENTO**

**LITERATURA E INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244I Patrícia Edivânia Rodrigues do Nascimento  
Literatura e infância [manuscrito] : um relato de experiência /  
Patrícia Edivânia Rodrigues do Nascimento. - 2014.  
49 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Moura  
Montenegro, Departamento de Educação".

1. Literatura infantil. 2. Educação infantil 3.  
Desenvolvimento da criança. I. Título.

21. ed. CDD 372.21

**PATRICIA EDIVÂNIA RODRIGUES DO NASCIMENTO**

**LITERATURA E INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em 12/02/2015.



Profª Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro/UEPB

Orientadora



Prof. Dra. Maria José Guerra/UEPB

Examinadora



Profª Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz /UEPB

Examinadora

Aos meus filhos queridos, Maria Clara e Miguel, motivo pelo qual eu busco ser uma pessoa melhor todos os dias.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, por tudo.

Ao meu esposo **Françualdo**, pela compreensão de todos os dias.

A toda **minha família**, por se preocupar com as noites na universidade e mesmo assim não deixar de me apoiar e incentivar a ir em frente.

As queridas amigas de sala **Samira e Pollyanna** por compor meus momentos de estudo e em especial a **Márcia Helena** por me ajudar de todas as maneiras no decorrer desse trabalho.

E a todos os amigos e amigas que contribuíram direta e indiretamente para a realização desse sonho.

Dentre as várias respostas possíveis e cabíveis para a questão do por que contar histórias pode-se destacar o prazer que este ato proporciona para o contador e para o ouvinte, independente da idade.

Rosana Maria dos Santos

## RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo geral possibilitar que crianças vivenciassem através das práticas literárias, aspectos da literatura infantil que contribuam para o seu desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e cultural, os quais podem ampliar a compreensão de si mesmo e do mundo. E, em razão disso, constitui-se de um relato de experiência que aborda a relação da literatura infantil junto às crianças de uma creche da rede municipal de Campina Grande. Evidenciando que esse relato buscou configurar uma experiência prática com o texto literário que parte do prazer e do encantamento, rompendo assim com as práticas que, na maioria das vezes, utilizam a literatura como pretexto para inserir “conteúdos didáticos” nas salas de Educação Infantil. Os principais autores, nos quais se baseia a fundamentação teórica do trabalho, foram: Abramovich (1991), Cavalcanti (2000), Busatto (2008) e José (2007). Quanto à metodologia, trata-se de uma pesquisa de intervenção, com delineamento de estudo descritivo-interpretativo, a qual se configura como sendo um relato de experiência, que parte da vivência literária numa turma de Educação Infantil na Creche Vovó Adalgisa, desde o início do ano de 2014, situada no Bairro do Mutirão, município de Campina Grande-PB. Por fim, os resultados da experiência com a literatura infantil no espaço de uma Creche Municipal de Campina Grande veio confirmar nossas expectativas, ao compreender que se constitui de uma prática de extrema relevância, tendo em vista que contempla os aspectos social, afetivo, cognitivo e cultural do texto literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Infantil. Educação Infantil. Desenvolvimento da criança.



## **ABSTRACT**

This study aimed to enable children experiences through the literary practices, aspects of children's literature that contribute to their social, emotional, cognitive and cultural, which can broaden the understanding of himself and the world. And because of this, consists of an experience report focusing on the relationship of children's literature with children from a nursery in the municipal Campina Grande. Showing that this report sought to set up a practical experience with the literary text that part of the pleasure and enchantment, thus breaking with the practices that, in most cases, using literature as a pretext to enter "educational content" in Early Childhood Education rooms. The main authors, providing a basis for the theoretical foundation of the work were: Abramovich (1991), Cavalcanti (2000), Busatto (2008) and Joseph (2007). As for the methodology, it is an intervention study with descriptive and interpretive study design, which is configured as an experience report that part of the literary experience in Early Childhood Education class at Municipal Nursery Grandma Adalgisa from the beginning the year 2014, located in the Neighborhood Effort, Campina Grande -PB. Finally, the results of experience with children's literature within a Municipal Nursery Campina Grande confirmed our expectations, to understand what constitutes a practice extremely important, given that covers the social, emotional, cognitive and cultural literary text.

**KEYWORDS:** Children's Literature. Early Childhood Education. Child development.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

**Ilustração N° 1** Relação das histórias conhecidas

**Ilustração N° 2** Momento da história

**Ilustração N° 3** Dramatização da história

**Ilustração N° 4** Momento da história

**Ilustração N° 5** Caixa surpresa

**Ilustração N° 6** Brincadeira de faz-de-conta e caça ao tesouro

**Ilustração N° 7** Momento da história

**Ilustração N° 8** Dramatização da história

**Ilustração N° 9** Momento do relato

**Ilustração N° 10** Brincadeira “embalando os bebês”

**Ilustração N° 11** Brincadeira de equilíbrio

**Ilustração N° 12** Dramatização da história, passeio pela “floresta” e degustação do chá

**Ilustração N° 13** Momento da ilustração das histórias

**Ilustração N° 14** Painel coletivo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1. LITERATURA INFANTIL: ORIGEM E CONCEITO .....</b>	<b>15</b>
<b>2. IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA .....</b>	<b>24</b>
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1 VIVENCIANDO A LITERATURA INFANTIL .....</b>	<b>31</b>
<b>3.2 VIVÊNCIA LITERÁRIA .....</b>	<b>32</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

As atividades promovidas através da ludicidade permeiam a vida do homem e em especial na sua infância desde os primórdios da humanidade. Entre estas atividades o contato com as histórias infantis se mostra como uma das mais encantadoras dentro do universo da criança.

O contato com a literatura e o mundo mágico das histórias possibilita a criança um momento de prazer, onde o aprender é apenas consequência do momento vivenciado a partir dela, longe de “didatismos” e “pedagogismos”. No entanto, a minha experiência profissional em anos anteriores, tanto na escola privada como na escola pública, mostrou que, geralmente, o trabalho que vem sendo desenvolvido a partir da literatura em algumas turmas de Educação Infantil, advém de uma visão conteudista, dissociada do encantamento próprio que esta atividade é capaz de proporcionar, seja por falta de conhecimentos adquiridos através de estudos e pesquisas, seja por falta de experiência.

Diante disso, é importante considerar as contribuições da Literatura Infantil para o desenvolvimento da criança e, ao mesmo tempo, levantar questões acerca de como é promovido o contato da criança com as histórias através das muitas práticas de leitura e contação. Sobretudo, quando se compreende que o trabalho com a literatura se mostra relevante no que concerne a importância dessa prática no desenvolvimento da criança nos aspectos social, afetivo, cognitivo e cultural.

É prática bastante comum nas salas de aula empregar a literatura como pretexto para inserir conteúdos e por mais que os livros associados aos eixos/projetos sejam interessantes e despertem o interesse da criança, nem sempre a possibilidade de apenas lê-lo é considerada. Há sempre um assunto a ser abordado após sua leitura, uma cor a aprender, uma moral e até mesmo uma relação com o cotidiano das crianças a ser discutida. O ambiente escolar é um ambiente que privilegia o contato permanente dos pequenos com a literatura, possibilitando despertar na criança o gosto pelas histórias lidas. Tal momento pode ser inserido na rotina de forma a atender as crianças, mas sem prejudicar seu andamento. “Assim pode-se dizer que não existe a hora certa, mas, sem dúvida, existe uma hora imprópria”. (DEBUS, 2006, p.87)

A escolha por um trabalho de intervenção se deu, a partir da reflexão acerca de minha prática em sala, que resultou da necessidade de romper com as formas tradicionais em que a literatura ainda vinha sendo, por vezes, empregada.

Acreditamos que, apesar de ser um relato de experiência, esse trabalho se caracteriza como sendo uma “pesquisa de intervenção” no qual exige a ação do pesquisador de modo cooperativo e participativo no processo educacional, que tem como objetivo primordial: melhorar o processo de aprendizagem do aluno. Uma vez que a literatura já é utilizada enquanto importante “ferramenta” para desenvolver as práticas pedagógicas nas salas de aula.

O trabalho está organizado em três momentos onde se apresenta com os títulos “*Literatura infantil: origem e conceitos*” que trata da realização de um breve resgate das práticas de contação utilizadas pela humanidade ao longo dos tempos, passando pelas formas de apreciação da literatura desde as rodas de histórias até os dias atuais; “*A importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança*” que apresenta uma fundamentação sobre a importância da literatura infantil no desenvolvimento da criança, onde abordaremos questões que se mostram fundamentais no que concerne a relação entre a literatura e a criança e “*Vivenciando a literatura infantil na Educação Infantil*” onde realizamos uma vivência que acontece desde o início do ano numa turma de Educação Infantil. No entanto, o relato aqui apresentado, foi desenvolvido num período de 10 dias, período em que a literatura foi trabalhada em diferentes ambientes, com diferentes apresentações como leitura, reconto ou dramatização e diferentes recursos, mas sempre de forma lúdica.

Para essa vivência, buscamos possibilitar que crianças vivenciem através das práticas literárias, aspectos da literatura infantil que contribuam para o seu desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e cultural ampliando a compreensão de si mesmo e do mundo. Nesse sentido, os objetivos específicos são: apreciar a leitura como uma fonte de prazer; valorizar o livro enquanto recurso a partir de rodas de leitura; vivenciar rodas interativas em que poderão discutir livremente suas impressões acerca das histórias; vivenciar as histórias de diferentes gêneros textuais com recursos que se aproximem do brincar: fantoches, caixas de história; dramatizar a partir de história contada; vivenciar as histórias em ambientes diferentes.

Diante desse contexto, sugerimos desconstruir o uso da literatura infantil das práticas que se voltam mais especificamente para o cunho pedagógico, não com a pretensão de desvalorizá-la, mas com o intuito de que o professor repense a sua prática. Pois compreendemos que, cabe ao professor proporcionar aos pequenos, uma forma

lúdica de compreender as histórias infantis, através do encantamento e do prazer que só essas histórias podem proporcionar.

É necessário que a rotina da sala de aula não nos deixe “cair na mesmice” de nossas práticas. Sendo assim, é de grande importância para o pedagogo desenvolver reflexões diárias sobre a sua prática pedagógica diante do trabalho que exerce quando se trata de literatura infantil no contexto de sala de aula. Tais reflexões contribuirão para o seu amadurecimento profissional o que conseqüentemente refletirá no aprendizado das crianças.

## 1. LITERATURA INFANTIL: ORIGEM E CONCEITO

Era uma vez... E tudo em então se transforma. A entrada no mundo da fantasia é então preparada para que todos embarquem no universo das palavras lidas ou ouvidas através da literatura. Ouvir histórias em torno de alguém, em volta da fogueira ou simplesmente no colo, consiste num momento mágico, onde o real e o imaginário se encontram interligados através das palavras do contador. Contar histórias é uma arte tão antiga quanto à própria humanidade.

Coelho (2002, p.16) afirma que:

[...] Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. *Literatura oral ou literatura escrita* foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados.

No entanto, é necessário ressaltar que, mesmo se tratando da importância da literatura no processo de transmissão das tradições, essa não foi a primeira forma de retratar e recontar as histórias das culturas, pois para chegar a Literatura Infantil, a humanidade percorreu um longo caminho, modificando e/ou adaptando as formas de contar suas histórias.

Para Elias José (2007, p. 48), “O homem registrou sentimentos e lembranças nas inscrições rupestres e nas cavernas. Contou e cantou aventuras com vontade de eternizá-las, de eternizar-se”.

Dessa forma, o homem primitivo foi capaz de retratar sua história, constituindo assim a primeira forma de contá-la e garantindo seu reconto através das gerações.

De acordo com Melo,

[...] Desde as histórias nas cavernas até os dias atuais, o homem foi aprimorando e diversificando a arte de contar e encantar histórias com as histórias verdadeiras e fictícias que fazem parte das suas experiências ou apenas fruto de sua grande capacidade de imaginação (2011, p.15).

Após esse período primitivo de contar histórias, surgiu o conto oral. As narrativas orais surgiram com o pensamento mitológico, como forma de o homem compreender o mundo. Segundo Cléo Busatto (2008, p. 21):

[...] Se é certo afirmar que o pensamento mitológico e os conseqüentes significados que ele traz, como dar sentido para a experiência de estar vivo, se localiza nessa época, e que o conto de tradição oral aponta para esta necessidade de fazer leituras do mundo que nos cerca, também é possível se ter uma vaga ideia de quando este conto apareceu para encantar o homem, criado pelo próprio homem.

Ou seja, para a autora as narrativas orais surgiram a partir do pensamento mitológico na Grécia antiga. Momento em que o homem começou a desenvolver o pensamento mitológico dando sentido a sua existência, o conto oral veio a ser um instrumento essencial na compreensão do mundo em que vivia. Os contos de tradição oral foram capazes de contar as diversas culturas ao longo dos séculos e, mesmo com a propagação da literatura escrita ela permanece enquanto prática que permite o encontro, a interação e o aprendizado através dos tempos.

Tal fato se confirma nas palavras de Tavares,

[...] O acto de comunicar constitui uma das bases fundamentais de todas as sociedades humanas. Desde as épocas mais antigas, os seres humanos habituaram-se a partilhar as suas vivências, as descobertas e os medos de cada dia. Desde que apareceu a linguagem articulada que os homens e as mulheres, ainda vivendo em pequenos grupos e muito próximos da natureza, começaram a falar uns com os outros sobre o mundo em que viviam, os animais que caçavam, os instrumentos que fabricavam, os frutos que recolhiam e tudo aquilo que os preocupava. E, assim, a pouco e pouco, o acto de contar passou a ser uma das práticas mais universais de toda a humanidade (2010, p. 13).

Assim como a necessidade de fazer leituras do mundo através da tradição oral, o homem sentiu a necessidade de registrar suas experiências que até então eram apenas contadas, através do registro escrito. De acordo com pesquisas realizadas por Cléo Busatto (2008, p.25) “os mitos gregos [...] tiveram seus registros nos últimos séculos antes do nascimento de Cristo”.

Um dos principais registros escritos que se perpetuam até os dias atuais são os contos de fada. Várias são as teorias acerca da origem dos contos de fada, as mais comuns encontram suas raízes em países do Ocidente, assim como também em países do Oriente, sendo a sua maioria, na Europa.

É importante ressaltar que todos os registros de contação realizados até então, partindo das inscrições rupestres até os primeiros registros escritos dos contos de fada eram destinados ao público adulto. Nesse sentido, o conteúdo dessas narrativas era



organizado de forma a entreter o adulto, mesmo assim crianças e adolescentes participavam desses momentos como iguais. Debus (2006, p.24) fundamenta essa afirmação ao citar Philippe Áries:

Philippe Áries, examinando a representação da infância em iconografias, aponta para uma imagem da criança, até a Idade Média, como um adulto em escala reduzida. A criança vivia imbricada nas relações do mundo adulto, quer cultural, econômica ou socialmente (ÁRIES apud DEBUS, 2006, p.24).

As primeiras adaptações literárias voltadas para o público infantil surgiram com a concepção de infância, a partir do século XVIII. Até então a criança era vista como um adulto em miniatura, ou seja, o que se produzia para o adulto em termos de vestimentas, utensílios ou objetos, era produzido em tamanho menor para os pequenos. Seguindo essa concepção, as produções literárias de cunho oral ou escrito não eram modificadas ou adaptadas para essa fase.

Os contos de fada em sua forma escrita como conhecemos hoje, foram compilados e adaptados para o público infantil a partir das contribuições dadas por Charles Perrault, Jacob e Wilhem Grimm e Hans Christian Andersen entre outros.

Compilador de histórias buscadas nas raízes da cultura francesa, Charles Perrault é quem podemos considerar o pai dos contos de fadas. Os contos compilados por Perrault faziam parte da cultura oral e cordelista do século XVII e eram chamados de “contos da velha” ou “contos da cegonha”. Também descobertos pelas damas da corte da época, esses contos começavam a ser recitados com pompa nos salões de Paris. No entanto, coube a Perrault transformar essas histórias em uma literatura de boa qualidade, lapidando sua linguagem, “fundindo a tradição popular com a cultura erudita de forma primorosa” (ALMEIDA, 2012, p.6).

A fantasia e aparente simplicidade dos textos de Perrault cativaram a sociedade burguesa que naquele momento começava a promover um novo modelo de educação infantil. Nesse sentido,

[...] acabaram sendo perfeitos na preparação dos filhos da burguesia – sobretudo as meninas - para o mundo adulto. Muitas das histórias eram modelos para o papel da mulher, da infância à maturidade, e destacavam a importância do casamento e da constituição de uma família com a chave para uma vida feliz (ALMEIDA, 2012, p.7).

A literatura assinada por Perrault é responsável pela transmissão de valores como a honestidade, a perseverança e a prudência o que dava aos seus contos um caráter utilitário e pedagógico. Mesmo assim, conseguem atingir o imaginário infantil através dos tempos, “atestando o talento desse homem, que não apenas abriu as portas para a Literatura Infantil, mas também permaneceu como um de seus maiores representantes” (ALMEIDA, 2012, p.7).

Os famosos irmãos Grimm, percorreram a Alemanha do século XIX e recolheram histórias em várias regiões do país fazendo assim uma compilação desses contos, contados na maioria das vezes por camponeses. “E as histórias se repetiam em dialetos diferentes, de regiões distintas da Alemanha. Compilaram contos de fadas para crianças e adultos”. (PARREIRAS, 2009, p.76).

Enquanto passadas de forma oral essas histórias mudavam apenas elementos de sua narrativa de acordo com o contexto da região, mantendo assim a sua essência. Por isso as várias versões para uma mesma história.

Segundo Parreiras (2009, p.76) “As histórias recontadas por Perrault deixam transparecer alguns valores universais como a ganância, o ódio, a vingança, a voracidade. Não há suavidade no tratamento das relações, nem dramas escondidos”. O que não ocorre com os irmãos Grimm: eles suavizam os dramas e retiram de suas narrativas temas considerados mais cruéis ou imorais dando um teor mais humanitário aos contos considerando o contexto da época, onde a fome, o medo e a miséria faziam parte do cotidiano de muitas pessoas.

Ainda comungando com Parreiras, o dinamarquês Hans Christian Andersen, conhecedor de uma realidade onde a fome, a miséria e a solidão eram uma constante, além de compilador de histórias do folclore nórdico foi capaz de trazer para suas narrativas “situações do universo das crianças para os contos de fada” ele “aproxima a criança do maravilhoso, no contato com questões como perdas e danos”, situações essas vividas pelo próprio autor. Tais sentimentos e sensações estão presentes na vida de alguns personagens de contos como O Patinho Feio, A Pequena Vendedora de Fósforos e O Soldadinho Chumbo.

Também para Parreiras (2009, p.84), “Andersen tem a sensibilidade de traduzir na história os diferentes sentimentos dos personagens e de envolver o leitor também naquele conflito ou naquela situação”. Não é a toa que um dos principais prêmios da literatura leva seu nome, tão grande a sua importância para a literatura infantil.

Como podemos perceber, até então as obras literárias destinadas ao público infantil tiveram suas origens nos contos voltados para os adultos, como reafirma Coelho (2000, p.29):

[...] os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para adultos. Expurgadas as dificuldades de linguagem, ou as digressões ou reflexões que estariam acima da compreensão infantil; retiradas as situações ou os conflitos não-exemplares e realçando principalmente as ações ou peripécias de caráter aventureso ou exemplar.

O processo de construção da literatura infantil tal qual conhecemos hoje só foi possível a partir do momento em que as práticas de contação voltadas para os pequenos respeitaram a conceito de infância. Debus (2006, p.151) faz referência a esse período quando afirma que:

[...] No caso específico da literatura infantil, temos uma produção cultural marcada historicamente pelo próprio conceito de infância, já que ela ganha vida concreta no século XVIII, quando a sociedade burguesa caminha para a consolidação daquilo que se cunhou de sentimento de infância. A criança torna-se um ser diferente do adulto, com características próprias necessitando e orientações para se (a) firmar nesse novo jogo de forças em que o tom monológico e monocórdio do adulto prevalece e sobrepõe-se a voz do outro – a criança.

O que significa dizer que, à medida que a sociedade absorvia essa nova visão sobre a criança pequena, novas formas de tratá-la e educá-la iam se diferenciando dos processos de antes. Até então, a criança aprendia por meio das práticas diárias dos adultos, o que não permitia que se percebessem suas particularidades. A criança passa então a ser percebida como um indivíduo diferente com necessidades e características próprias. O adulto então a distancia de seu mundo, respeitando essa etapa da vida e preparando-a para esse momento em particular. Percebidas essas particularidades, surgiu um novo mercado onde roupas, calçados e outros utensílios atendiam a essa clientela. Como não podia deixar de ser, a literatura também precisou ser modificada e/ou adaptada para os pequenos, atendendo então suas especificidades.

A criança é o indivíduo inocente e dependente do adulto devida a sua falta de experiência com o mundo real. Até hoje muitos ainda têm essa concepção de infância como o espaço da alegria, da inocência e da falta de domínio da realidade. Os livros que trazem essa concepção são escritos, então, com o objetivo de educar e ajudar as crianças no enfrentamento da realidade (SILVA, 2009, p.137).

É importante ressaltar que as práticas literárias sofreram mudanças de acordo com o tempo histórico no intuito de atender ao público infantil de cada época, mas na maioria das vezes com um caráter educativo. Como reforça Coelho (2000, p.27),

[...] Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura de cada época destinou às suas crianças a conhecer os ideais e valores e desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...).

Portanto, é de fundamental importância reconhecer que a literatura atende aos objetivos de cada época o que significa dizer que ela vai se adaptando, se reorganizando, se reinventando em cada momento histórico.

As histórias, antes contadas oralmente para as crianças passam a ser editadas a partir do século XVIII. Histórias como Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida no Bosque, O Gato de Botas, A Gata Borralheira, adaptadas por Charles Perrault, são transmitidas a partir de livros impressos.

Nesse sentido, pode-se dizer que a prática literária oral, teve de abrir espaço para outras formas de apreciar o momento da contação. Para Elias José (2007 p.49):

[...] Graças a sua inteligência, sensibilidade e poder criativo, o homem se desenvolveu e desenvolveu a sociedade. Criou formas e formas de expressar o seu canto e o seu conto, a sua sensibilidade especial. Formas que se desenvolveram e se aperfeiçoaram com os tempos.

E foi esse aperfeiçoamento que possibilitou mudanças significativas na literatura e na maneira de contar e ouvir histórias, assim como a preocupação com uma literatura diferenciada para adultos e crianças.

Nesse contexto, essa fase onde as histórias contadas para as crianças tinham sua origem nas adaptações feitas a partir dos contos criados para o público adulto passou, surgindo então o que conhecemos hoje como *literatura infantil*. Esse tipo de literatura buscava atender as especificidades do público infantil. Debus cita Áries para apontar três fatores que contribuíram para essa nova mentalidade:

Áries levanta três fatores externos, histórico-político-culturais, que contribuem para essa mentalidade: primeiro, o espaço social até então regido pela comunidade passa a receber interferência do Estado e sua justiça; em

segundo lugar, o aumento da alfabetização e a difusão da leitura; terceiro fator seria as novas formas de religião que se estabeleceram nos séculos XVI e XVII (2006, p.25).

Ou seja, somente a partir dessas modificações a literatura infantil teve seu lugar dentro da sociedade. A família agora é responsável pela criação dos filhos valorizando os laços afetivos e a criança como um indivíduo com características diferentes das dos adultos. Com a escolarização, fez-se necessário criar literaturas próximas a realidade da criança, para facilitar a educação das mesmas. As novas formas de religião tiveram seu modelo pautado no exemplo da família sagrada, mudando assim sua visão sobre o homem e suas relações.

[...] Para essa nova sociedade que se desenha, emerge um novo mercado de consumo: guias para auxiliar nas regras de civilidade, dicionários de higiene para a família, roupas diferenciadas para as idades, brinquedos em escala industrial e uma literatura específica para a criança. Essa revolução triunfará nos séculos XIX e XX (DEBUS, 2006, p.26)

Surgida no final do século XIX, a Literatura Infantil Brasileira aparece atrelada as mesmas condições históricas da Europa no século anterior e que tiveram como consequência possibilitar o aparecimento da literatura dedicada às crianças nesse continente. No entanto, o que se pode registrar a esse respeito é que, essa *literatura infantil brasileira* tinha sua origem nas versões traduzidas dos contos europeus. Segundo Debus:

O educador Lourenço Filho, em 1942, avalia que 70% da produção literária destinada para as crianças brasileiras consistia na tradução de textos estrangeiros. Já a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, ao avaliar o que era publicado entre os anos de 1975 e 1978, constatou que 46,6% dos livros que circulavam no Brasil eram textos nacionais. Mudanças ocorridas paulatinamente tanto no campo da produção, como da promoção e divulgação desse gênero levaram a sua ascensão e hoje vemos um número grandioso de livros literários destinados aos pequenos (2006, p.107).

Considerado precursor da literatura infantil brasileira Monteiro Lobato foi responsável pelo início desse processo de ruptura com as traduções desses textos estrangeiros para as crianças brasileiras. Lobato apresentou uma literatura com uma linguagem totalmente dirigida as crianças, comprometida com o imaginário e o lúdico,

com personagens com características que se aproximavam da realidade da criança brasileira.

Coube a Lobato a fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a literatura infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas idéias e formas que o novo século exigia (COELHO, 1998, p.165).

Após essa inauguração da literatura infantil brasileira feita por Monteiro Lobato, um leque de outros escritores construiu narrativas com problemáticas e características que retratam a realidade brasileira aliada à ficção. A autora Eliane Debus (2006, p.70-72) cita alguns deles como personagens marcantes desse percurso da literatura infantil brasileira tais como: Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Sylvia Orthof, Manuel Bandeira, Pedro Bandeira e Flávio de Souza.

Esses autores são considerados os herdeiros de Lobato, pois prosseguiram o projeto de uma literatura que contempla os temas atuais, a infância, as nossas raízes folclóricas e o ponto de vista da criança. São temas tão caros à formação de nossas crianças, que merecem ser lidos e relidos nas salas de aula (PARREIRAS, 2009, p. 19).

Ou seja, a partir desses autores, a literatura infantil brasileira ganhou ares de uma literatura contemporânea, voltada ao contexto da época, logicamente, mas com uma linguagem diferente, com um repertório adequado a linguagem da criança.

Nesse sentido, podemos enfatizar que:

A marca da modernidade nos “contos de fadas” contemporâneos acentua-se de diversas maneiras, na quebra da sequência lógica das ações, no humor escatológico, nas reflexões sobre as relações de gênero, entre outros temas contemporâneos. Porém o processo de reescrita será compreendido pelo leitor como jogo intertextual se o texto original fizer parte do seu repertório (DEBUS, 2006, p.72).

Nesse contexto, podemos dizer que a Literatura Infantil se encontra num processo de transformação em constante movimento, uma vez que há a preocupação de respeitar o contexto em que seu público está inserido. Mantendo em sua essência a fantasia, o fantástico, o lúdico, o jogo de palavras e os desenhos coloridos. E essa magia promovida pelas histórias deve ser “obrigatória” no dia a dia dos pequenos, de modo

que aconteça “essa relação de prazer e harmonia entre criança e Literatura” (MELO, 2011, p.40).

## 2 IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Para podermos dar início à fundamentação sobre a importância da literatura infantil para o desenvolvimento integral da criança, propósito do presente capítulo, faz-se necessário definirmos a finalidade dessa etapa de suma importância na educação do ser humano.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB -, em seu artigo 29 a Educação Infantil tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, assim definido:

[...] primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e comunidade (BRASIL, 1996, art.29).

Ou seja, é necessário que se trabalhe com as crianças dessa faixa etária, diferentes áreas do desenvolvimento infantil, sem se deter aos conteúdos ou disciplinas. Com o cuidado de fazê-lo de forma contextualizada e não fragmentada.

Historicamente a educação das crianças pequenas se assumia em caráter assistencialista. No entanto, essa definição de Educação Infantil dada pela LDB, faz com que a educação dada aos pequenos assumam um novo caráter. Para Debus (2006, p.13) “[...] o educacional e, acima de tudo, diferenciado do Ensino Fundamental, a partir do próprio substantivo que lhe apresenta (educação), não sendo considerado como uma etapa de ensino, mas circunscrito num processo educativo”.

Para a autora, essa definição propõe desafios aos profissionais que optam por trabalhar com os pequenos. Nesse contexto, é importante que o professor entenda a literatura como um leque de possibilidades que poderão ser trabalhadas no intuito de promover o desenvolvimento da criança em diversos aspectos e de forma simultânea, fundamentando assim, o trabalho com a literatura na Educação Infantil.

Segundo Coelho (2000, p.27),

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.



Daí a importância da literatura na Educação Infantil, tendo em vista que tudo que as políticas públicas citadas até aqui propõem para o trabalho com a criança em idade de educação infantil é possível acontecer num contexto a partir da vivência com as histórias. Como afirma Abramovich (1991, p.17), através do trabalho com a literatura é possível “(...) ficar sabendo de História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula”.

Desse modo, através da literatura é possível trabalhar com os pequenos de forma contextualizada, desprendendo-se de conceitos e disciplinas que na maioria das vezes estão longe da maturidade dessa faixa etária. As crianças aprendem de forma espontânea, livre. No entanto, é importante ressaltar que a literatura não deve ser utilizada como pretexto para introduzir conteúdos, muito menos para passar lições de cunho moralista ou comportamental. Como afirma José (2007, p.99) “Literatura infantil, juvenil, ou para adultos é arte, criação estética através da palavra. Não é espaço para lições de moral, de religião, de bons costumes, como alguns entendem”.

Nesse sentido, é necessário que se tenha consciência que o momento da história é um momento de desprendimento, de prazer. Aonde qualquer que seja o ponto que se queira chegar em relação ao desenvolvimento da criança, deve ser realizado de forma o mais espontâneo possível, considerando a singularidade de cada uma. Abramovich resalta o aspecto do prazer que a literatura é capaz de proporcionar quando propõe...

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... E poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor é, então poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento (1991, p. 17).

Partindo desse pressuposto, é de suma importância compreender que o momento da literatura nas salas de educação infantil, consiste de ludicidade e encantamento, longe de “didatismos” e “pedagogismos”.

[...] O que nos falta, que parece estar voltando nas melhores escolas, mas que ainda está desaparecendo na vida familiar, é a história contada ou lida de maneira mágica, feita para encantar as crianças. [...] histórias sem passar lições religiosas ou morais, sem vontade de ensinar nada, mas lidas ou

contadas pelo simples prazer de envolver nas tramas das narrativas (JOSÉ, 2000, p.60).

Nessa perspectiva, fazemos uma reflexão a cerca da Literatura Infantil enquanto importante ferramenta para o desenvolvimento da criança nesse processo, oferecendo uma gama de possibilidades a serem exploradas.

Uma dessas possibilidades parte da conexão que a criança é capaz de realizar durante o momento da literatura para compreender o mundo e seus sentimentos. Segundo Cavalcanti (2002, p.39),

A literatura pode ser para a criança o espaço fantástico para a expansão do seu ser, exercício pleno da sua capacidade simbólica, visto trabalhar diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne adulto mais criativo, integrado e feliz.

A possibilidade de retirar da literatura respostas para suas indagações, satisfazer a curiosidade infantil sobre si mesma, suas relações com o outro e sobre o mundo em geral, transforma o momento literário em momento de informação para a criança pequena. Dessa forma, é a partir desse momento que o imaginário infantil faz suas relações com a realidade, dependendo do interesse e do momento que a criança possa estar passando.

[...] Qualquer assunto pode ser importante, e isso não depende apenas da curiosidade da criança [...]. Depende também do desenvolvimento do mundo, das contradições que a criança vive e encontra à frente, se se envolve com elas ou apenas observa os fatos, e para isso é preciso estar atento e poroso a tudo o que acontece... (ABRAMOVICH, 1991, p.99)

O trabalho com a literatura na educação infantil nos permite criar situações significativas para as crianças de modo a desencadear o seu desenvolvimento integral. Tais situações não devem deixar a criança alheia ao que acontece a sua volta. Quando bem trabalhada a literatura abordará diversos temas da vida real, que poderão, ou não, envolver a criança naquele momento. O importante é que se faça de modo natural, espontâneo, abrindo espaço para as interferências que possivelmente serão feitas durante a leitura. Para Zilberman (2003, p.13), o ler<sup>1</sup> relaciona-se com o desenvolvimento lingüístico da criança, com a formação da compreensão do fictício,

---

<sup>1</sup> Na Educação Infantil, “Ler” significa manusear o livro, fazer sua leitura ao observar figuras e imagens.

com a função específica da fantasia infantil, com a credulidade na história e a aquisição do saber.

Dessa forma, o gênero literário permite a criança uma ampliação do conhecimento que é alcançado através de experiências vivenciadas a partir dessas histórias. Conhecimento esse que parte da recepção da história ouvida ou lida e de sua decodificação.

A modernidade apresenta a criança um modelo de sociedade que se reinventa todos os dias. Para José (2007, p.10),

A sociedade mudou muito. Mudaram os costumes e, logicamente, as pessoas mudaram. [...] Pais e mães não têm mais tempo para estar com elas (as crianças). Precisam trabalhar, estudar, vencer profissionalmente. [...] As relações humanas são mais instáveis e as crianças vivem atrás de referência paternas e maternas.

Nesse contexto, é natural para a criança encontrar pontes na literatura que lhe coloquem frente ao contexto no qual está inserida. Como dito anteriormente, as experiências promovidas pela literatura acontecem de forma espontânea, sem “didatismos” ou “pedagogismos”. Um exemplo disso é a maneira como os autores encaram as relações familiares. São literaturas que fogem de moldes onde as famílias são idealizadas, “onde tudo transcorre sem nenhum vendaval nas relações, onde tudo é calmo, sem hesitações, sem impasses...” (ABRAMOVICH, 1991, p.104).

Ainda para Abramovich:

Pessoas – de qualquer idade – se mexem, são cutucadas, se abrem ou se fecham, duvidam, brigam, sentem ciúme, perguntam e por isso crescem, se modificam e modificam suas relações com os outros (sobretudo os mais próximos)... E mudar a intensidade do amor não significa perdê-lo (embora isso também possa acontecer, o que também faz parte da vida...). (1991, p.104)

Muito mais do que oferecer idealização a literatura infantil, com sua grande capacidade de adentrar o imaginário dos pequenos, a envolve nas situações cotidianas de suas vidas particulares. Problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, são visualizados de forma mais clara, sem culpas através dos personagens, ampliando o conhecimento de si e suas relações com o outro.

É no espaço escolar que a criança também irá conviver com outras pessoas que mostram comportamentos bem diferentes dos quais está acostumada. E essa convivência levará a criança a perceber essas diferenças,

[...] Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de **gênero**, etnia, e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas. (BRASIL, 1998, vol.2, p.41) [Grifo meu].

Essas diferenças poderão despertar na criança estranheza, principalmente no que diz respeito às questões relacionadas aos papéis sociais assumidos pelo homem e pela mulher. É muito comum para a criança, dependendo do ambiente do qual faz parte, estabelecer associações do tipo “isto é de homem” ou “isto é de mulher”. E mais uma vez as atividades envolvendo a literatura infantil suscita várias coisas, entre as quais está a de conseguir a fascinante façanha de fazer com que a criança perceba que todos podem exercer diferentes papéis no mundo real.

As histórias criam uma ponte entre o imaginário e o real, proporcionando a criança uma maneira nova de compreender as questões de seu cotidiano, comparando a vivência dos personagens com a sua própria vivência.

O desenvolvimento da oralidade consiste numa etapa de grande significação na vida da criança. É o momento onde ela transformará seu pensamento em palavra através da fala. O contato com a literatura oportuniza, entre outras coisas, ampliar esse universo através das muitas palavras lidas pelo adulto. É por meio da fala que a criança poderá expressar suas vontades e opiniões. De acordo com o Referencial Curricular Nacional Infantil (1988, vol.3, p.134),

[...] A ampliação da capacidade das crianças de utilizar a fala de forma cada vez mais competente em diferentes contextos se dá na medida em que elas vivenciam experiências diversificadas e ricas envolvendo os diversos usos possíveis da linguagem oral.

Nesse sentido é importante que a criança mantenha contato com diversas atividades que oportunizem o uso da fala, bem como as rodas interativas promovidas a partir das histórias, considerando que elas cumprem muito bem esse papel, desde que o professor compreenda a importância do escutar. Dar a oportunidade de se expressar

durante a realização de recontos é muito importante, uma vez que possibilitará que a criança organize seu pensamento, articule suas ideias e finalmente oralize.

É também por meio do contato com a literatura que a criança amplia o vocabulário, ou seja, quanto mais histórias ouvidas, maior será o repertório de palavras novas inseridas em seu universo cultural. E essa inserção acontecerá a partir do momento em que a criança acrescenta ao seu vocabulário, o vocabulário do autor que, a princípio poderão passar despercebidas (as palavras), causar estranheza, serem repetidas com indagação e até mesmo com curiosidade, mas invadirão a criança de forma que mais cedo ou mais tarde a criança a incluirá em seu repertório. E aos poucos irá se apropriar delas com compreensão.

[...] O professor não precisa omitir, simplificar ou substituir por um sinônimo familiar as palavras que considera difíceis, pois, se o fizer, correrá o risco de empobrecer o texto. A leitura de histórias é uma rica fonte de aprendizagem de novos vocabulários (BRASIL, 1988, p.145, vol.2).

A oralidade permitirá a criança um novo espaço no mundo, uma vez que dará a oportunidade de estreitar as relações com o outro. É importante ressaltar que mesmo se comunicando através de outras linguagens, a fala consistirá numa ferramenta de grande significação para a criança, nesse sentido, a utilização de novas palavras possibilitará a comunicação em diversas situações de seu cotidiano.

Diante do que foi discutido até agora, é importante ressaltar que no momento atual, as pesquisas configuram que a maioria das pessoas não lê mais por prazer, já que em quase todas as instâncias da educação há uma grande dificuldade relacionada ao ato de ler e de se formar esse hábito o que nos leva a refletir que não podemos desassociar o contato da literatura com o universo da criança em idade de Educação Infantil. Nesse sentido é importante lembrar que é na mais tenra idade que se constrói essa relação de prazer com a literatura.

De fato, o que a literatura é capaz de desenvolver ou ampliar no desenvolvimento da criança resulta como consequência de um contato promovido através do prazer e do encantamento, foco no que consideramos como fator primordial nessa prática.

Fanny Abramovich (1991, p.17) ressalta,

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre... E poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor é, então poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento.

A partir disso, compreendemos que o momento da história, independente da forma como é lida ou contada, deve estar sempre associada à brincadeira, ao encantamento, a fantasia e ao prazer que só uma história bem contada é capaz de proporcionar. E é partindo dessa concepção que as histórias nos levam para o fantástico mundo do “Era uma vez” que os pequenos despertarão o gosto pela literatura e suas várias formas de se apresentar.

Partindo do que foi apresentado até então, ressaltamos que, o trabalho com Literatura Infantil se constitui de uma importante ferramenta para o desenvolvimento da criança. Nesse sentido é necessário considerar a singularidade das narrativas e o trabalho a ser realizado a partir delas. Debus (2006, p.11) afirma que, “[...] as práticas e as condições de produção literária na Educação Infantil, diferenciam-se daquelas realizadas no espaço escolar do Ensino Fundamental”; o que significa dizer que ao contrário do trabalho realizada no Ensino Fundamental, que se preocupa com uma literatura realizada apenas através dos livros e voltada para a decodificação e o pretexto para inserir conteúdos, na Educação Infantil, esse trabalho deve estar voltado para despertar o imaginário infantil. O que não significa dizer que os pequenos ficarão longe do código escrito. “[...] É de grande importância o acesso, por meio da leitura pelo professor, a diversos tipos de materiais escritos, uma vez que possibilita as crianças o contato com as práticas culturais mediadas pela escrita” (BRASIL, 1998, vol.3, p.141).

Nesse sentido, propomos que se conduza o trabalho com a literatura Infantil através de sua leitura, contação ou dramatização com o objetivo de se promover uma prática prazerosa e que ao apresentar o livro de histórias a criança não precise decodificar seus símbolos escritos, mas que consiga fazer a relação que o que se conta é o que está escrito e que o que está escrito também é algo fantástico.

Portanto, mais do que ensinar a ler, ampliar conhecimentos e “passar” conteúdos, a Literatura Infantil consegue a grande façanha de promover o contato com o imaginário infantil, onde quer que a criança esteja. E a escola é um espaço privilegiado por contar com condições que favoreçam essa relação de prazer entre a criança e a literatura.

### **3 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de intervenção, com delineamento de estudo descritivo-interpretativo, a qual se configura como sendo um relato de experiência, que parte da vivência literária numa turma de Educação Infantil na Creche Vovó Adalgisa, desde o início do ano de 2014, situada no Bairro do Mutirão, município de Campina Grande-PB.

A turma escolhida para a realização da vivência com a Literatura Infantil foi o Maternal II, na qual sou professora, considerando que os sujeitos da pesquisa fazem parte da turma, que é composta por 25 crianças, com faixa etária entre 3 e 4 anos e atendidas em horário integral pela unidade.

Para a realização desse trabalho foi necessário realizar uma experiência prática num prazo de 10 dias onde a literatura foi trabalhada em diferentes ambientes, com diferentes apresentações como leitura ou dramatização e diferentes recursos, mas sempre de forma lúdica. Evidenciando que essa experiência prática dividiu-se em dez momentos, os quais estão abaixo descritos.

#### **3.1 VIVENCIANDO A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

A importância dessa vivência se mostra relevante diante da necessidade de resgatar dentro das práticas literárias, o prazer que antes era atribuído a elas o que conseqüentemente virá a contribuir de forma significativa no desenvolvimento da criança nos aspectos social, afetivo, cognitivo e cultural.

Para a sua concretização foram escolhidas histórias da literatura clássica infantil como Charles Perrault (Os Três Porquinhos e Chapeuzinho Vermelho) e da literatura de autores mais atuais como Mary e Eliardo França, Audrey e Don Wood e Cecília Meireles (Fantasia, A Casa Sonolenta e A Bailarina). O critério utilizado para a escolha parte de que estas histórias permitem que as crianças não sejam meros ouvintes, mas que interajam com as histórias contribuindo para uma apropriação mais concreta do que será visto e ouvido.

A parte prática do trabalho partiu de uma vivência efetiva de contato com a literatura demonstrada através de histórias contadas, recontadas, dramatizadas e

“brincadas”, utilizando recursos variados e explorando os diferentes espaços da instituição.

Para tanto, foram seguidas as orientações de Eliane Debus (2006, p.21) que afirma:

Para um trabalho efetivo com o texto literário no âmbito das instituições educativas, é necessário construir uma tríade produtiva e dialógica, isto é, em primeiro lugar o professor deve conhecer e inventariar o repertório literário que as crianças possuem, aquelas narrativas que trazem do espaço familiar e social; em segundo, deve haver o comprometimento do professor para ampliar o repertório inicial delas; em terceiro, que ele assuma responsabilidade de aguçar nas crianças a criatividade para a construção alargada de um novo/outro repertório.

Nesse contexto, compete ao professor desenvolver estratégias que promovam o contato entre a criança e a literatura no intuito de que além de ampliar seu repertório literário, ela também possa fazer associações com suas experiências despertando assim o interesse em buscar “um novo/outro repertório” literário. Sendo assim, busquei realizar junto às crianças um inventário de histórias já conhecidas por elas, o que me possibilitou conhecer as que eles já conheciam e ampliar esse repertório inserindo não só novas histórias, mas também, novos gêneros e novos recursos na contação.

## **3.2 VIVÊNCIA LITERÁRIA**

### **1º MOMENTO**

Nessa tentativa de construir um inventário de histórias conhecidas pelas crianças, a ação foi iniciada com uma roda de conversa, questionando às crianças com “o que são histórias?”.

Apesar da pouca idade, começaram logo com um: “é um livro!” e vieram em seguida: “os porquinhos... o Major Palito!” e tantos outros personagens que remetiam as histórias lembradas. Em seguida, sugeri que fizéssemos uma lista das histórias que eles conheciam e registrei no quadro através de ilustrações que partiram dos títulos enunciados pelas crianças.

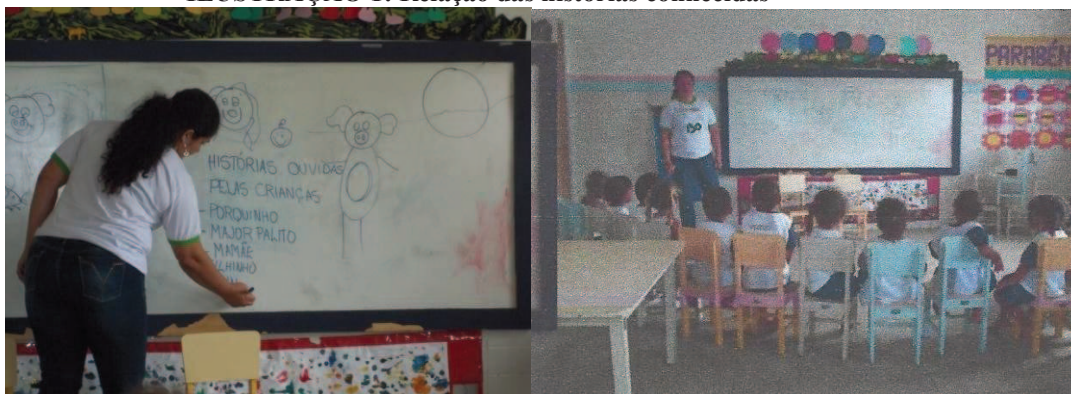
É interessante que, apesar de ouvirem histórias através de recursos variados, as crianças citaram apenas histórias que elas ouviram através do livro, e os títulos são lembrados a partir de personagens como “A história do Rato”, ou “a da mamãe” que



remetem as histórias: O livro do Major Palito, Fantasia, Lino e O Ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado.

Após as ilustrações, escrevi a frase: “Histórias ouvidas pelas crianças”.

#### ILUSTRAÇÃO 1: Relação das histórias conhecidas



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Ainda na rodinha de conversa, foi apresentado para com as crianças sobre a proposta de “ouvir histórias direto” e eles demonstraram satisfação e prazer na atividade.

Nesse contexto e de modo a ampliar o repertório inicial das crianças, selecionei histórias que permitissem além do prazer em escutá-las, o prazer de brincar com elas depois, realizando uma apropriação mais concreta que foi visto e ouvido.

O planejamento desses momentos necessitou estar inserido na rotina, mas de forma leve e divertida, sem pressa. E mesmo que as atividades programadas a partir das histórias fossem carregadas de ludismo e graça, é necessário fazer alusão ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no tocante as atividades desenvolvidas posteriormente aos momentos que envolvem a literatura infantil para as crianças:

Práticas de leitura para as crianças têm um grande valor em si mesmas, não sendo sempre necessárias atividades subsequentes, como o desenho dos personagens, a resposta de perguntas sobre a leitura, dramatização das histórias etc. Tais atividades só devem se realizar quando fizerem sentido e como parte de um projeto mais amplo. Caso contrário, pode se oferecer uma idéia distorcida do que é ler. (BRASIL, 2008, p. 141).

Desse modo, as atividades desenvolvidas a partir da prática aqui apresentada fogem de “didatismos” e “pedagogismos”, associada apenas ao prazer e ao

encantamento que a literatura é capaz de proporcionar. Objetivando o contar só por contar dentro das práticas promovidas nos espaços de Educação Infantil.

## 2º MOMENTO

A primeira história contada foi Os Três Porquinhos. Iniciei o momento com uma rodinha e uma caixa surpresa. A caixa sempre mexe com o imaginário das crianças que logo após a pergunta: “o que será que tem na caixa?” Desandam a falar as possibilidades: “um lobo... um jacaré... um livro!” “Por que um livro?” – questiono - “Porque é uma caixa surpresa!”. Nesse momento convido algumas crianças a colocar a mão dentro da caixa, e timidamente, algumas o fazem.

**Ilustração 2: Momento da história**



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Ao descobrir o livro todos ficam ansiosos ao constatarem que se trata da “história do lobo” e esperam o início da narrativa. Em quase todas as histórias infantis o medo é um sentimento muito presente e é interessante como os pequenos não se cansam de “ter medo”. É interessante também perceber que esse medo gera um prazer, atraindo-os de modo a querer ouvir as histórias “de lobo e de bruxa” várias e várias vezes.

[...] Pois medos – os mais variados – estão presentes no cotidiano de todos... Medo de escuro, de injeção, de cachorro, de lobisomem, de ladrão... [...] medos com os quais todos convivem, dum jeito ou de outro, numa intensidade ou noutra, que se aprende a enfrentar, a desviar, a superar, a

substituir, com os quais se aprende a conviver ou a lidar...” (ABRAMOVICH, 1991, p.125).

E mesmo sentindo esse “medinho” as crianças interagiram com a história antecipando fatos, falas e “soprando” nas casinhas.

Como citado no capítulo anterior, os momentos da história devem envolver a ludicidade e o encantamento, no intuito de deixar a criança apenas se envolver de forma prazerosa nas tramas das narrativas, cedendo espaço para a sua capacidade infinita de criar e recriar várias vezes a mesma história. Os sentimentos despertados nesse momento permitem aos pequenos a oportunidade de lidar com as situações conflitantes do dia a dia.

### **3º MOMENTO**

A história d’Os Três Porquinhos permitiu que as crianças vivenciassem o que elas ouviram através do livro usando a dramatização como recurso da experiência. Para tanto, levei as crianças até o pátio para realização de uma roda de músicas. Durante a atividade, contei com minha companheira de sala para organizar o espaço onde foi realizada a dramatização. Além de divertir, a dramatização permite que os pequenos criem novas possibilidades e diálogos a partir do texto original, além de trazer os mais tímidos para participarem. Para Ferreira,

As dramatizações com crianças pequenas deverão ser sempre espontâneas, tiradas de histórias contadas, situações cotidianas e situações imaginadas, uma vez que, nessa fase, a criança representa algo ausente por meio dos símbolos (2007, p.10).

Sendo assim, convidei as crianças a voltar para a sala e qual foi a surpresa ao entrar na sala. Depararam-se com três casinhas e máscaras de porquinhos organizadas no meio do espaço da sala. De imediato reconheceram os elementos da história, gritando: “A casa dos porquinhos!”.

**Ilustração 3: Dramatização da história**

Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Foram explorando e buscando interagir com os objetos, batendo na porta da casa de tijolos, chamando o Lobo. Uma das crianças tomou a iniciativa e colocou uma máscara e foi logo imitada por outras crianças. Entretidas na exploração, aproveitei o momento e apareci com a máscara do Lobo Mau. E a gritaria foi geral, aquela mistura de medo e prazer em sentir aquele medo. Uma das crianças chegou a perguntar: “É tu, ‘né’ tia?”. Daí por diante as crianças assumiram espontaneamente seus papéis. E a história foi sendo ‘desenrolada’ de forma bem divertida. As crianças se organizaram numa platéia interativa enquanto eu e os “porquinhos” nos apresentávamos, demonstrando que compreenderam a proposta da dramatização. Mais uma vez repetiram as falas dos porquinhos, sopraram as casinhas e tentaram expulsar o lobo da sala, repetindo com um dos porquinhos: “Vai embora, Seu Lobo!”. E a brincadeira foi finalizada com todos querendo tirar fotos com as máscaras usadas pelos colegas.

Com o relato da história d’Os três porquinhos, as crianças puderam mais uma vez, sentir aquele medo que os monstros das histórias causam, no entanto, isso não foi empecilho para que deixassem de participar do momento da dramatização.



#### 4º MOMENTO

Nesse dia levei a literatura Fantasia, de Mary e Eliardo França. O enredo conta com o palhaço como personagem principal da história e que sempre agrada as crianças com seu rosto colorido e roupas engraçadas. Para esse momento usei mais uma vez o recurso da caixa, transformada numa mala de histórias.

**Ilustração 4: Momento da história**



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

A caixa surpresa, sempre cria um clima de expectativa, instigando a curiosidade das crianças. Após apresentá-la, falei que esta havia passeado pela floresta e depois pelo circo. “E quem trabalhava no circo?” –perguntei - “O Major Palito!”. Responderam fazendo referência ao palhaço que conheceram no semestre passado. Abri a mala e mostrei o que tinha dentro: “O livro do coelho... do cachorro!”. E então comecei a contar a história que falava de um coelho que tinha perdido sua fantasia de palhaço. E logo eles identificaram as roupas do coelho, sempre fazendo alusão ao palhaço Major Palito. Uma das crianças fez referência ao nariz do palhaço, elemento que não pode faltar em sua caracterização.

#### 5º MOMENTO

Mais uma vez, a história abre espaço para brincar com ela. Contada no dia anterior a história Fantasia se mostrou dentro da caixa surpresa através das roupas perdidas do Coelho. As crianças ficaram dispostas na rodinha para descobrir o que tinha dentro da caixa. “Roupa... fantasia!” – fizeram suas deduções. Após as especulações, a mala foi aberta e as roupas do Coelho foram aparecendo uma a uma.

**Ilustração 5: Caixa surpresa**



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Em meio a exibição das roupas, uma das crianças apontou que “o chapéu do coelho tinha uma varinha”, observando que o elemento apresentado na caixa era diferente do que aparecia no livro de histórias. Outra criança tentou falar uma palavra pouca usada por ela para identificar o “casaco” do palhaço, quando alguém falou: “Paletó!”. Enriquecendo assim o vocabulário da colega, que assentiu com a cabeça. Quando a exploração terminou, uma das crianças concluiu: “Não tem mais nada, não”.

De repente, alguém bateu a porta e uma das crianças foi atender, encontrando lá, o coelho da história.

**Ilustração 6: Brincadeiras de faz-de-conta e caça ao tesouro**



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Compreendendo a proposta do faz-de-conta, uma das crianças logo deu vida ao personagem, através das respostas dadas aos colegas e dando movimento ao brinquedo. A brincadeira realizada a partir da história permite que a criança a vivencie, dando vida aos personagens e se colocando no papel dos mesmos.

[...] atividades lúdicas são ferramentas indispensáveis no desenvolvimento infantil, porque para a criança não há atividade mais completa do que o BRINCAR. Pela brincadeira, ela é introduzida no meio sociocultural do adulto, constituindo-se num modo de assimilação e recriação da realidade (SANTOS, 2006, p.7).

Ou seja, as crianças continuaram o enredo da história a partir do que ouviram, dando continuidade a brincadeira a partir de uma caça ao tesouro, na qual o tesouro era a fantasia que o coelho havia perdido. Ao final, manusearam a caixa de fantasias no pátio o que tornou a vivência mais prazerosa ainda.

## **6º MOMENTO**

A história escolhida para esse momento é A Casa Sonolenta de Don e Audrey Wood. O ambiente escolhido para a vivência foi o dormitório, que foi preparado com antecedência de forma a deixá-lo mais acolhedor. As cortinas foram fechadas e canções de ninar tocaram baixinho para que o enredo da história fosse desenrolado. A história encanta por colocar sempre um elemento a mais em sua sequência e acontecer numa casa onde todos viviam dormindo. Utilizei a caixa da história para o momento da contação, recurso que vem sendo utilizado atualmente na sala e sempre deixa as crianças deliciadas com os fantoches. Sobre as histórias Ferreira (2007 p.9) diz que, “Pode-se constatar que para as crianças pequenas são mais interessantes se tiverem algum tipo de ilustração: gravuras, desenhos, bonecos, fantoches, dobraduras”.



**Ilustração 7: Momento da história**



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Dentro dessa perspectiva, levei os pequenos até o dormitório e eles logo se organizaram na expectativa do que viria em seguida. Comecei com o fantástico “Era uma vez” e fui dando vida à história através dos fantoches.

E à medida que a história era contada e os personagens iam aparecendo, as crianças faziam suas relações com o cotidiano. Sempre esperando que o vovô aparecesse. Pois na história tinha uma avó e um neto.

**Ilustração 8: Dramatização da história**



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

## 7º MOMENTO

Para este momento realizei o reconto d’A Casa Sonolenta utilizando desta vez o livro de histórias. O livro em sua forma normatizada não pode ser deixado em segundo plano, em detrimento aos demais recursos até então utilizados. Segundo Debus, “a criança que ainda não sabe ler convencionalmente pode fazê-lo por meio da escuta da leitura do professor, ainda que não possa decifrar todas e cada uma das palavras. Ouvir um texto já é uma forma de leitura” (RCNEI, 1998, p.140).



A partir do contato com os livros impressos a criança passa a perceber o universo das palavras lidas pelo adulto, fazendo associação entre a fala e a escrita. Isso foi constatado em vários momentos da contação quando perguntei “o que vocês estão vendo nessa página?” E algumas crianças me responderam “Nomes... desenhos”.

**Ilustração 9: Momento do reconto**



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

A utilização do livro também possibilitou aos pequenos fazer uma associação entre o objeto livro e objeto brinquedo utilizado na experiência do dia anterior, despertando na criança o interesse pela leitura realizada no livro.

Após esse momento, oferecemos bonecas, bichinhos de pelúcia e paninhos para as crianças e as deixamos a vontade para embalar os “bebês”.

**Ilustração 10: Brincadeira “embalando os bebês”**



Fonte: Arquivo pessoal da professora /pesquisadora

A princípio, alguns meninos rejeitaram o brinquedo, até perceber que os demais colegas não ofereceram resistência à brincadeira de faz-de-conta. É curioso

como algumas crianças fazem distinção em relação ao gênero, mesmo quando o ambiente é flexível a estas posturas. Como citado no capítulo anterior, no espaço escolar as crianças encontram comportamentos, modos de pensar e outros aspectos que ela vai considerar diferente dos quais está acostumado. O aspecto referente a gênero- o que é tido como masculino ou feminino- poderá partir da própria criança, com sua visão do mundo e dos conceitos que ela “cria”. Nesse sentido, a literatura se torna um momento onde a criança irá resolver conflitos de seu dia a dia, melhorando assim seus relacionamentos interpessoais.

## **8º MOMENTO**

Para esse momento escolhi a poesia A Bailarina, de Cecília Meireles para brincar com as crianças. Gênero pouco utilizado nas salas de Educação Infantil a poesia é deixada de lado talvez pelo pouco ou nenhum contato que algumas pessoas têm com ela. Fanny Abramovich fala em seu livro *Gostosuras e Bobices* que algumas pessoas consideram que a poesia para crianças tem que ser moralizadora, pequeninha, para trabalhar temas patrióticos e outros tipos de bobagens. Nesse momento escolhi “A Bailarina” por se aproximar do universo infantil através dos movimentos feitos pela menina. Nas palavras de Fanny, a poesia pode ser considerada “Prazerosa, gostosa, lúdica, brincante...”.

O único recurso utilizado para o momento foi a voz. Iniciei recitando o título da poesia – A bailarina – e escutei logo um sonoro “Tia Thaisa!”, professora que é bailarina. E continuei recitando os versos associando a rima aos movimentos. É interessante registrar que as crianças anteciparam as palavras que faziam parte da poesia através do movimento e rapidamente se apropriaram do enredo repetindo a poesia várias vezes. A poesia tem esse poder de encantar através de suas rimas e seu ritmo. Para Abramovich (1991, p.72 e 76) “As rimas são tão gostosas de ler e ouvir quando bem escolhidas, bem trabalhadas!... e completa em outro momento: “O ritmo... é o que possibilita o acompanhamento musical ao que é lido ou ouvido.”

**Ilustração 11: Brincadeira de equilíbrio**



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Para deixar o momento mais gostoso propus que fizéssemos uma pequena dramatização, onde os pequenos se equilibrariam sob uma corda com uma sombrinha na mão. Todos gostaram da idéia, principalmente quando visualizaram a sombrinha. Convidei a primeira criança, um menino. E mais uma vez veio a observação quanto ao gênero da bailarina em questão: “Ele é uma bailarina!” e começaram a rir, o que não inibiu o colega, que continuou com a brincadeira. “Meninos também podem ser bailarinos”- comentei- e começaram a repetir que o colega era um bailarino. O que contribuiu para que todos participassem sem receio e cheios de prazer diante do exercício de se equilibrar na corda segurando a sombrinha. Segundo Santos, “a criança reproduz na brincadeira a sua própria vida, utiliza do faz-de-conta para resolver situações que no real ela não é capaz. Assim, seus medos, angústias e inseguranças são, nesse momento, recriados a seu modo” (2006, p.91).

O que nos permite pensar sobre a importância de fazer a história virar brincadeira como meio de trabalhar os conflitos e anseios que habitam os pequenos.

## **9º MOMENTO**

No nosso penúltimo momento escolhi Chapeuzinho Vermelho por também ser um clássico muito apreciado pelas crianças. Não usei livro, nem fantoches para contar a história, assim como também não a contei seguindo a sequência original. No final do dia, as crianças estavam se organizando para esperar uma visita surpresa. Coloquei uma capa vermelha e peguei uma cestinha, bati a porta e entrei. As crianças ficaram



encantadas “Chapeuzinho Vermelho!” alguém gritou. Cumprimentei-os e comecei a cantar a canção tema da história. Silêncio total.

**Ilustração 12: Dramatização da história, passeio pela “floresta” e degustação**



Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

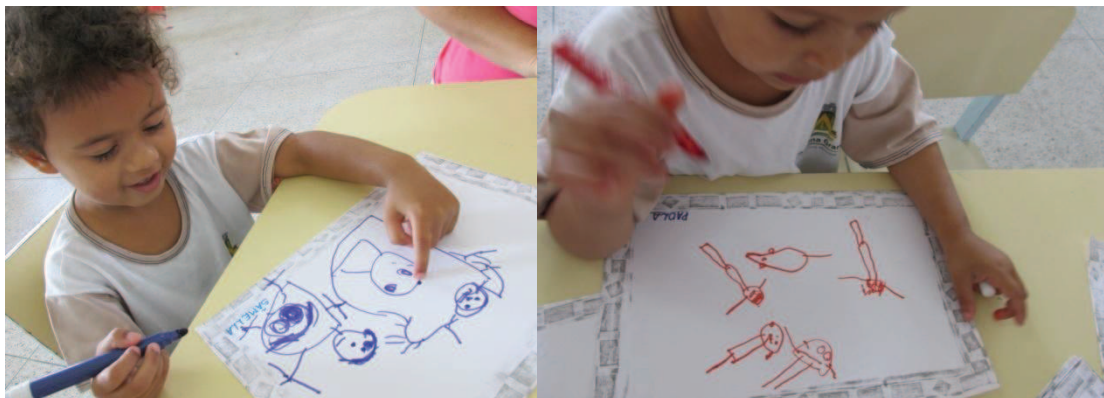
Então dei início à dramatização, falando sobre a Vovozinha, os doces que ia levar para ela, quando uma criança falou: “Mas tem um lobo!”. Pronto! Todos começaram a falar do lobo. Propus que me ajudassem a ir até o jardim da creche colher folhas para fazer um chá para a Vovó. Saímos buscando o chá. Nossa busca coincidiu com o horário de recreio de outras turmas da creche que rapidamente nos acompanharam nesse passeio pela “floresta”. Finalmente encontramos as folhas para o chá e as colhemos. Fizemos um delicioso chá de erva-cidreira servido em xícaras de brinquedo e acompanhado de churros. Uma delícia, literalmente, de momento.

### **10º MOMENTO**

No décimo e último momento da prática fizemos uma roda de conversa de modo a avaliar nossa experiência com as histórias e brincadeiras realizadas nos últimos dias. Fizemos um resgate do que vivemos, as crianças puderam falar do que mais gostaram, do que não gostaram e foram relembando a história dos porquinhos, da bailarina e do coelho.

Como culminância, sugeri que ilustrassem a história/personagem que mais gostaram. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (v.3, p.232), “O desenho é uma forma de privilegiada de representação, na qual as crianças podem expressar suas idéias e registrar informações. É uma representação plana da realidade”.

**Ilustração 13: Momento da ilustração das histórias**



**Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora**

E o resultado desses registros foi um espetáculo de criatividade. Uma das crianças ilustrou A Casa Sonolenta, não se esquecendo de apontar *a pulga* no desenho. Outra criança ilustrou Chapeuzinho Vermelho e a Vovó com os braços para cima, como a bailarina. Ao ser questionada quanto a posição das personagens: “Por que elas estão assim?”- respondeu- “Porque querem!”, “Olha a pulga aqui!”.

**Ilustração 13: Painel coletivo**

Fonte: Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Após a socialização da atividade, foi construído um mural, onde as ilustrações ficaram expostas para apreciação no pátio da creche, incentivando assim o processo criador dos pequenos.

O que posso acrescentar a partir dos momentos vivenciados é que a experiência de exploração da literatura partindo do princípio prazer foi riquíssima em todos os seus aspectos. As situações aqui relatadas se encontram com as discussões apresentadas no capítulo anterior, uma vez que, essas discussões foram elaboradas de forma a se identificarem com uma prática literária voltada para o ludismo, o prazer e o encantamento. Todos os aspectos se apresentaram de forma positiva no que diz respeito à execução do projeto: espaços, situações e a participação das crianças.

Espero que, ao se pensar na relação literatura e criança, que o faça associando-a a brincadeira, ao fantástico e a todas as possibilidades que façam dessa prática um momento único e apaixonante. E que nunca se deixe de provocar na criança a vontade de ouvir histórias sempre e sempre abrindo espaço para que criem e recriem suas próprias histórias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho veio confirmar nossas expectativas acerca da experiência com a literatura infantil no espaço da Educação Infantil numa creche da rede municipal de Campina Grande, constituindo-se como uma prática de extrema relevância, já que contempla os aspectos social, afetivo, cognitivo e cultural.

A escolha por uma pesquisa de intervenção permitiu que trouxéssemos um trabalho que foi desenvolvido desde o início do ano, mas que precisou ser enfaticamente reproduzido por um período de dez dias para a realização da pesquisa, junto à turma do Maternal II (manhã), da Creche Municipal Vovó Adalgisa.

Ao propor um inventário das histórias “lembradas” pelas crianças, fomos estimuladas a ampliar esse repertório através da proposta inicial de “ouvir histórias direto”. Essa ampliação proporcionou aos pequenos momentos de interação, ludicidade e encantamento, de modo que, ao final da prática todos puderam socializar suas preferências na roda de conversa e representá-las através da ilustração e montagem de painel coletivo.

Acreditamos que a pesquisa aqui apresentada possa servir de reflexão para o trabalho com a literatura nos espaços de Educação Infantil, sobretudo, se se considerar que tal reflexão propicia aos educadores um novo jeito de vivenciar as práticas literárias em sala, tendo como princípio primeiro, propiciar prazer a quem lê ou ouve uma história.

Por fim, como pedagoga, o desenvolvimento desse trabalho, representou um momento de crescimento para a minha formação, tendo consciência de que não existe “receita” pronta e acabada, mas formas diferentes de utilizar a literatura infantil e de contar histórias para crianças.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1991. 5. ed.
- ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **Contos de Perrault** / Fernanda Lopes de Almeida; ilustrações Elizabeth Teixeira. – 1ºed. – São Paulo: Ática, 2012.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF Vol. 1,2 e 3 – 1998
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2008. 5. ed.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- DEBUS, Eliane. **Festaria da brincança: a leitura literária na sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2006.
- FERREIRA, Aurélio B. Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com arte e ensinar brincando: para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental**. Rio de Janeiro: Wark, 2007.
- JOSÉ, Elias. **Literatura infantil: ler, cantar e encantar as crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- MELO, Márcia, Helena Nóbrega de. **A contação de histórias com a formação de leitores desde a educação infantil** [manuscrito]:/ Márcia Helena Nóbrega de Melo. – 2011.
- PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: o que a criança escreve, a criança lê**. – Belo Horizonte: RHJ, 2009.



SANTOS, Santa Marli dos. **Brinquedo e infância**: um guia para pais e educadores em creche. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVA, Aline Luíza da. **Trajetória da Educação Infantil**: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade. REGRAD Revista eletrônica de graduação da UNIVEM. (v.2. nº2. Jul/dez./ 2009  
Site: [www.univem.edu.br](http://www.univem.edu.br)

TAVARES, Juliana de Carvalho Frederico. **A importância da literatura infantil na educação de infância**. Trabalho Científico UNICV, Curso de Educação de Infância, 2010. Orientação: Dra Antonieta Lopes. Cidade de Praia.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.